



Na Indonésia, estudiosos questionam status de mais antiga pirâmide do mundo



SEXTA-FEIRA, 16 DE FEVEREIRO DE 2024 O ESTADO DE S. PAULO

Cinema Estreia

'Zona de Interesse' mostra que Holocausto não ficou no passado

— Diretor Jonathan Glazer diz que o filme, indicado para 5 Oscars, não fala de fato de 80 anos atrás, mas de algo ainda em andamento



Família se diverte na casa dos sonhos que divide o muro com Auschwitz: longa trata da cumplicidade com os horrores do mundo

MARIANE MORISAWA
ESPECIAL PARA O ESTADÃO

Como fazer uma obra diferente sobre o Holocausto, que já rendeu clássicos premiados com o Oscar como *A Lista de Schindler* (1993) e *O Pianista* (2002)? Essa era a pergunta na cabeça de Jonathan Glazer ao criar *Zona de Interesse*, em cartaz nos cinemas do Brasil, que concorre a cinco estatuetas, incluindo melhor filme, direção e produção internacional.

O cineasta inglês, que filma a cada dez anos, mais ou menos, buscava uma abordagem nova que trouxesse a tragédia dos anos 1940 para os dias de hoje. "Ele nunca quer se repetir e sempre deseja explorar os limites da linguagem", diz o produtor Jim Wilson em entrevista com a participação do Estadão.

Na cabeça do diretor, já circulava a ideia de levar o Holocausto à tela pelo ponto de vista dos perpetradores, ou seja, dos nazistas. Quando ele topou com *A Zona de Interesse*, livro de Martin Amis (Companhia das Letras), foi como se ganhasse permissão para ex-

plorar essa possibilidade arriscada. "É uma posição muito incômoda de se colocar artisticamente", garante Glazer. "Mas havia algo muito corajoso em sua tentativa, e isso me ajudou na minha, na verdade."

"Nunca quis recriar as atrocidades com atores e figurantes. O som pode pintar essas imagens na nossa cabeça"

"Acredito que podemos evoluir. Eu me recuso a achar que não podemos"
Jonathan Glazer
Cineasta

No romance, há três personagens no entorno de um campo de extermínio fictício: o comandante, um oficial e um homem que organiza os prisioneiros trabalhando para os nazistas.

O diretor e roteirista percebeu que a realidade era muito mais chocante do que qualquer ficção. E decidiu: seu personagem principal seria Rudolf Höss, que vivia com a mulher e

os filhos em uma casa confortável, com enorme jardim, colada no muro de Auschwitz, comandado por ele entre 1940 e 1943.

MURO. No filme, depois de uma tela negra ao som da música inquietante de Mica Levi, vemos uma família curtindo um dia de folga à beira de um lago. Nada remete a qualquer anormalidade, até chegarmos à casa e avistarmos uma torre e um muro. Höss (Christian Friedel) trabalha do lado de lá. Hedwig (Sandra Hüller, que concorre ao Oscar de melhor atriz por *Anatomia de uma Queda*, de Justine Triet) fica sempre na casa, dando instruções aos empregados e cuidando do jardim.

Nunca vemos o interior do campo. Mas ele está sempre presente no trabalho fabuloso de som de Johnnie Burn. Os barulhos da indústria da morte que era Auschwitz, dos fornos sendo ligados, dos gritos, dos tiros, por vezes invadem os espaços da família e a mente do espectador. "Nunca tive nenhum desejo de recriar as atrocidades com atores e figurantes", diz Glazer. "O som é capaz de pintar essas imagens na nossa cabeça."

O cineasta procurou se afastar da fetichização e de uma possível glamorização, aproximando-se ao máximo do realismo. O filme é falado em alemão – daí ser o candidato do Reino Unido ao Oscar de melhor filme internacional.

A casa dos Höss é uma construção verdadeira a poucos metros de Auschwitz, com iluminação natural na grande maioria das cenas. Closes são evitados, para que não haja nenhuma empatia com Rudolf ou Hedwig.

BIG BROTHER. As câmeras são todas fixas e estavam espalhadas em locais escondidos pela casa. Os atores não sabiam sua localização. É como se fosse um Big Brother, sempre espiando – e julgando – os moradores da casa. Mas *Zona de Interesse* recusa a narrativa de que nazistas e perpetradores do Holocausto eram monstros. "Eles não eram anormais, eram seres normais que, pouco a pouco, se tornaram assassinos em massa dissociados de seus crimes, pois não os enxergavam como crimes", diz Glazer.

Por isso ele quis usar todos os métodos possíveis para fazer um filme de hoje, do século 21. Daí as lentes de alta tecnologia e resolução e as câmeras termográficas, que captam a luz infravermelha emitida por objetos e corpos. "Não queria fazer uma peça de museu sobre algo que aconteceu há 80 anos, mas sobre algo que está em andamento."

Foi essa, inclusive, a justificativa dada a seu pai, que ainda estava vivo quando Glazer decidiu fazer *Zona de Interesse*. Judeu, ele achava que era um assunto para "deixar apodrecer". "O Holocausto foi muitas vezes mitificado e tratado como um evento único, tornando-o hermético", acredita o produtor Jim Wilson.

Mas, na opinião de Wilson e Glazer, Rudolf e Hedwig poderiam ser nossos vizinhos. Eles tinham sonhos, queriam proteger sua família. Rudolf contava histórias para os filhos depois de mandar matar crianças.

Claro que são um exemplo extremo, até porque tinham convicção naquilo. A ideia não é traçar equivalências morais ou éticas com os nazistas.

"Mas o filme trata da nossa capacidade de cometer violência. E de nossa indiferença, cumplicidade, aos horrores do mundo para proteger nossa segurança, nossos luxos", acrescenta Glazer.

Mesmo sabendo que seu longa é e será atual por muitas décadas, sua esperança não é abalada. "Acredito que podemos evoluir. Eu me recuso a achar que não podemos." ●

Para saber mais

Livro e documentário abordam oficiais nazistas



● **As Benevolentes**
Ficção na forma de memórias de Maxmilien Aue, jovem alemão

que, como oficial nazista, participa de momentos sombrios da guerra. De Jonathan Littell (Alfaguara).

● **Relato Final**
Retrato da última geração viva do Terceiro Reich por meio de entrevistas. De Luke Holland, a produção está disponível na Netflix.

